

“Verdade”, justiça ou misericórdia na religião? Keirsey, o fator T no tradicionalismo religioso e a educação

Chie Hirose¹
Enio Starosky²

Resumo: O artigo discute o discurso do tradicionalismo religioso no Brasil de hoje, focando em suas relações com o fator T (em oposição ao fator F) da tipologia de David Keirsey.

Palavras Chave: tradicionalismo religioso. David Keirsey. fatores T e F educação. cultura das relações.

Abstract: This article discusses Brazilian contemporary religious traditionalism – in the new right-wing movements – focusing on the preference T (in opposition to F) in Keirsey's typology.

Keywords: Brazilian religious traditionalism. preferences T and F. David Keirsey. education.

Os fatores T e F de Keirsey

Em estudo anterior (<http://www.hottopos.com/rih43/index.htm>) discutíamos alguma relação entre a preferência J, na tipologia de Keirsey, e o conservadorismo religioso. Neste artigo, discutiremos a possível relação entre este e o fator T, do par T x F, proposto por Keirsey.

Começemos por recordar o que são F e T, recolhendo a breve apresentação que desses fatores faz Lauand (2018, 27 e ss.)

As preferências F / T referem-se à instalação na vida (percepção, relacionamento, decisões etc.) a partir de uma perspectiva “pessoal” (F de *feeling*), valorizando as emoções, os sentimentos, a consideração das circunstâncias da pessoa, a abordagem emotiva e pessoal em contraposição a uma preferência T (de *thinking*), que valoriza a “objetividade” das coisas, a abordagem fria e impessoal: o que racionalmente deve ser feito. No limite, a oposição entre: o calor do coração e a frieza da razão. [...]

Evidentemente para a vida e para o convívio social em geral são necessárias as duas posturas (embora cada um seja tentado a achar que melhor seria a exclusividade de sua preferência...).

¹. Doutora e Pós doutora em Educação pela Feusp. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Hiroshima. Professora de Ensino Fundamental I da rede municipal de São Paulo.

². Mestre em Educação pela Univ. Metodista de São Paulo e Doutor em Ciências da Religião nessa mesma universidade. Diretor do Colégio Luterano São Paulo. É autor de “Temperamentos & Religião – Tipologia e compreensão de perfis religiosos: uma análise a partir de David Keirsey” Santo André: Kapenke, 2020.

O delicado problema do equilíbrio entre os dois polos é lançado já no século XIII por Tomás de Aquino: sim, a justiça é a coluna vertebral que sustenta a sociedade, mas a fria justiça T necessita do contraponto F da misericórdia: “*Iustitia sine misericordia crudelitas est; misericordia sine iustitia, dissolutio*” (Cat. Aur. in Mt, cp5 lc 5): “a justiça sem misericórdia é crueldade; a misericórdia sem justiça é dissolução”.

Essa aguda colocação de Santo Tomás – sobre a necessária complementação e harmonização entre fatores opostos – vem ao encontro da, também muito feliz, observação de Edgar Morin (2002, p. 53), a propósito do símbolo da doutrina de Lao Tsé:



Escolho esse símbolo porque ele exprime para mim o mais profundo, a impossibilidade de desunir duas ideias contrárias. [...] O que é interessante é que eles são não só complementares, mas que um *está* dentro do outro.

Morin lembra também Heráclito:

Reencontramos Heráclito que dizia: “Deus é dia e noite, inverno e verão, guerra e paz, abundância e fome”. Com efeito, Heráclito é o pensador típico da união dos contrários. (p. 54).

O que poderíamos, para a oposição de que nos ocupamos, complementar dizendo: “e também amor e justiça, fator F e fator T”. A verdadeira convivência humana se dá na harmonização dos contrários, também no importante âmbito dos temperamentos.

Voltemos às análises de Keirsey: para ele o par F x T é o único para o qual (Keirsey 1990, p. 23) se registra uma distinção de incidência em nossa sociedade: 60% dos homens têm a preferência T e 60% das mulheres a preferência F.

As pessoas que usam a preferência F como base de suas decisões manifestam por vezes que o grupo T são pessoas “sem coração”, “insensíveis”, “frias”, “inacessíveis”, “intelectos que carecem do leite da bondade humana”, “gente que tem gelo nas veias”. Por outro lado, os que se inclinam por decisões impessoais (T) por vezes comentam que o grupo F são pessoas “sem firmeza”, “demasiadamente emotivas”, “sem lógica”, “manteiga derretida” e “coração mole, de gelatina”.

A religião e as preferências pessoais

A sentença acima de Tomás de Aquino já antecipa as divisões de “preferências” religiosas (de “escolha” de uma religião ou de uma determinada corrente dentro de uma religião).

É perfeitamente natural e legítimo que uma pessoa tenha suas preferências religiosas: que seu modo de ser se ajuste melhor a esta ou àquela denominação e, mesmo dentro de uma mesma igreja, seja mais atraída por este ou por aquele aspecto: da doutrina, da liturgia, da pastoral, do modo como viver o amor ao próximo etc. Em recente estudo de nosso grupo de pesquisas (<http://www.hottopos.com/isle28/137-154EnioSylvioF.pdf>), víamos como na mesma igreja, São Francisco de Assis e São Bento de Núrcia, dois extraordinários expoentes do catolicismo tinham modos de ser (e de viver genuinamente a religião) totalmente diferentes: este um ISTJ cabal; aquele um ISFP irretocável. E os dois são grandes santos que a Igreja propõe como exemplos e modelos para seus fiéis. Como lembra o Prof. Lauand, quando Cristo diz “Eu sou o caminho”, a palavra semita para caminho (*derek* em hebraico, *táryq* em árabe) não se refere a um caminho de ferro como o dos trilhos do trem, literalmente bitolado, nem sequer a uma rodovia pavimentada, como a via Dutra, mas ao caminho que cada um faz a seu modo, imitando o Mestre:

O Oxford English Dictionary (OED), indica em suas etimologias algumas palavras que estenderam seu sentido sob influência da Bíblia. É o caso do inglês *way*: o caminho (*derek*), que na perspectiva semita não está pré-determinado e não comporta uma tradução como a que temos que repetir nas missas: “Caminhamos pela estrada de Jesus!” Para aquele povo do Oriente, o caminho (e Jesus é o caminho - Jo 14,6) é o de cada um: não há rodovias no deserto... Não por acaso, *derek* significa também o jeito pessoal de cada um fazer as coisas: uma acumulação semântica que foi parar no inglês *way* (Lauand 2016, p. 150)

Dizíamos ser perfeitamente legítimo que cada um tenha suas preferências na religião. Mas, para nossa análise, é importante uma distinção feita por Marías (1995, p. 16) e que pode ajudar-nos a compreender possíveis desvirtuamentos da religião, também com base nas preferências keirseyanas.

Marías começa por lembrar o óbvio: o cristianismo é uma religião! E o problema de nosso tempo é que o “cristianismo tende a não funcionar primariamente como *religião*, mas como outras coisas que *também* é (ou pode ser): moral, ideologia, interpretação da realidade, princípio de convivência, fundamento de uma sociedade, instrumento de poder...”. Perde-se e desvirtua-se a perspectiva da fé: “(Deus) é tomado como ‘ponto de partida’ para ir a outras coisas, que são as que **verdadeiramente interessam**” (1995, p. 16, grifo nosso).

Esse desvirtuamento pode se dar de diversas formas: desde as aberrações “religiosas”, do tipo Ku Klux Klan ou Estado Islâmico, até a modos mais sutis e menos perceptíveis.

O recente filme “Silêncio” de Martin Scorsese, baseado no romance de mesmo nome do escritor japonês católico Shūsaku Endō, publicado em 1966, que analisa aspectos da conversão (e martírio) dos japoneses no século XVII e discute a questão de se por trás da incrível coragem para o martírio naqueles neófitos há verdadeira fé ou antes um apego supersticioso a símbolos da fé: imagens, estátuas, crucifixos, rosários ou até aos próprios padres. É a “fé” que se dá no pântano, onde o cristianismo não pode criar raízes, como adverte o sádico Inquisidor Inoue ao jesuíta Rodrigues.



Será que todos aqueles que praticam “devoções”, pagam promessas, ou “idolotram” a Bíblia (ou pastores...) estão querendo viver verdadeiramente a religião cristã.

O fator F e o servir religioso (e uma possível disfunção)

Uma dessas distorções, envolve a disfunção do fator F, como no caso tratado no livro *O Grande Abismo*, de C. S. Lewis.

Nele, algumas pessoas, que acabaram de morrer, são submetidas a um juízo para decidir seu destino eterno: se querem realmente ir para a união com Deus. No capítulo XI, apresenta-se o caso de Pamela, a mãe que tudo o que quer é rever seu filho, que morreu antes dela e já está com Deus. O anjo que dialoga com os recém-chegados tenta convencê-la de que é necessário amar a Deus. Ela se declara disposta a aceitar o que for necessário (“quanto antes, melhor”) para a única coisa que lhe importa: estar com seu filho. O anjo explica que assim não é possível: Deus não pode ser um meio para alcançar seu objetivo: ela teria que desejar a Deus por si mesmo. Ante essa intransponível dificuldade, a mãe termina por afirmar que seria perfeitamente feliz, mesmo no inferno, desde que pudesse estar com seu amado filho...

Sempre que se fala em tipos psicológicos é necessário lembrar que eles são em si “neutros” – como o são também a atração sexual, a lateralidade dominante (destra ou canhota) etc. –; não é superior (em termos de ética, dignidade etc.) este ou aquele tipo: a ética está nas escolhas do indivíduo.

É o que vemos no desenho russo dos estúdios Animaccord, Masha e o Urso, de imenso sucesso mundial (no youtube há episódios com bilhões de visualizações!). A genialidade do enredo está em vestir os personagens centrais (de um conto

tradicional do folclore russo) como uma acentuada ESTP (a travessa menininha Masha) e seu amigo Urso, um ISFJ cabal.

Assim, o Urso ao longo das dezenas de episódios (transmitidos no Brasil pela TV Cultura, SBT, Boomerang e Cartoon Network) cumpre exemplarmente seu papel de protetor, educador, companheiro e, sobretudo, como cuidador (ISFJ).

Em distintos episódios, o Urso cria uma escolinha só para Masha, alimenta-a, pacientemente ensina-a a tocar piano, afasta-a dos perigos etc. Ambos são imensamente felizes nessa relação.



O episódio 52, episódio final da segunda temporada do desenho (<https://www.youtube.com/watch?v=2iD71AhLDQM>) – “Te vejo depois” – traz um dilema semelhante ao da Pamela de Lewis. Chegou a hora de Masha, já crescidinha, deixar o rincão siberiano para ir para Moscou com sua priminha. Há um jantar de despedida na casa do Urso e todos estão tristes pois Masha é (era...) a alegria da turminha. Ela fica para dormir na casa do amigão, mas o Urso, deprimido e insone, não consegue imaginar sua vida sem ter de cuidar da pequerrucha. Então, em um primeiro momento, sucumbe à tentação de sabotar a partida de Masha e chega a atrasar o despertador para que ela perca o trem. Mas, depois, dá-se conta de seu egoísmo e se penitencia, levando a menina, à toda velocidade, até o trem.



Tendo partido o trem, o Urso, após um momento de desconolo, nota que a porquinha da Masha está precisando de seus cuidados e, um minuto depois, já está feliz novamente, brincando com sua nova “afilhada”.

Quando tudo corre bem, o fator F é responsável por maravilhosas iniciativas religiosas, como a incrível vocação de serviço de uma Madre Teresa de Calcutá, a grande santa ISFJ, de quem o Papa Francisco, na cerimônia de sua canonização, fez notar que (o português é uma rara língua na qual a acumulação semântica Mãe/Madre não funciona) o povo não a chama de Santa Teresa, mas *Madre*, mãe.

Ela mesma conta o caso, acentuadamente F, de profunda *sym-pathia* (compartilhar o sofrer), transcendendo os ódios entre hindus e muçulmanos na Índia:

Nunca esquecerei a noite em que um homem veio à nossa casa para contar-nos o caso de uma família hindu de oito filhos. Não comiam há vários dias. Pedia-nos que fizéssemos algo por eles, de modo que tomei um pouco de arroz e fui vê-los. Vi como brilhavam os olhos das crianças por causa da fome. A mãe tomou o arroz de minhas mãos dividiu-o em duas partes e saiu. Quando regressou, perguntei-lhe aonde tinha ido. Respondeu-me: “Eles também têm fome”. Ela sabia que os vizinhos da porta ao lado, muçulmanos, tinham fome. Fiquei mais surpresa por ela saber do que pela ação em si mesma. Em geral, quando sofremos e quando nos encontramos em uma grave necessidade não pensamos nos demais. Aquela mulher, em seu terrível sofrimento físico, sabia que a família vizinha também estava com fome (Mother Teresa 1997, p. 337-8)

O fator T na religião: a “defesa da verdade”

A citada sentença de Tomás de Aquino já antecipa as divisões de “preferências” religiosas (de “escolha” de uma religião ou de uma determinada corrente dentro de uma religião). Em outro artigo de nosso grupo de pesquisas, tipificávamos essas atitudes, nas emblemáticas figuras dos dois papas da atualidade:

Se o acentuado fator T de Thatcher a levou a ser apelidada de “Iron Lady”, pela mesma característica Joseph Ratzinger o foi de “Cardeal Panzer”, “Rotweiller de Deus” ou “*Cardinal No* (Cardeal Não)”. Não é de estranhar que sua preocupação maior fosse com a integridade doutrinal, a “verdade católica”, missão que desempenhou por vinte e quatro anos como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (sucessora do “Santo Ofício” e da Inquisição).

Se Bento XVI manifestava o fator T, Francisco (já na escolha do próprio nome) insiste no fator F, é o papa da compreensão e da bondade, da misericórdia – e neste Ano da Misericórdia abriu muitas possibilidades nesse sentido –, mas que sabe ser duro e intransigente no combate à corrupção e às disfunções da Cúria Romana, como quando lançou seu mote de reforma: “mais profecia e menos burocracia”. (<http://www.hottopos.com/isle28/137-154EnioSylvioF.pdf>).

Multiplicar-se-ão, *ad infinitum*, as discussões entre os T e os F, os embates entre Verdade e Justiça, de um lado; Misericórdia e Compreensão, do outro. Sempre na chave: “sim, mas...”: - O Evangelho diz: “Quero misericórdia, não sacrificio...” (Mt 9, 13). - Sim, mas diz também: “É a verdade que vos libertará” (Jo 8, 32). - “Atire a primeira pedra...” (Jo 8,7). - “Não sairás do cárcere dali enquanto não pagares o *último ceitil*.” (Mt, 5, 26) Etc. etc. etc. Em ambos os casos, trata-se de um reducionismo simplista, no qual se abdica da visão do todo e da complexidade própria da realidade cristã, instalando-se numa “cômoda” interpretação ao gosto de cada qual. Na contra mão do principal fator de sobrevivência do cristianismo: sua resiliência e capacidade de arraigar-se nas mais distintas culturas, épocas e tipos de personalidade.

Como na exaltada entrevista do pastor Silas Malafaia a Mônica Iozzi (<https://www.youtube.com/watch?v=-pwXJCotDCU>), que indagou sobre sua suposta homofobia:

Mônica – O senhor acha que os gays vão para o inferno?

Malafaia – Eu não acho eu tenho conceitos bíblicos! [...] Deixa eu falar uma coisa que você não sabe: a Bíblia que fala que Deus ama, é a mesma Bíblia que diz que vai botar o homem no inferno.

Mônica – Mas Ele também fala: “Ame ao outro como a si mesmo...”

Malafaia – O mesmo Deus que fala sobre amor, lança o homem no inferno.

Mônica – Preconceito é pecado.

Malafaia (cada vez mais agressivo) – [...] Eu não tenho preconceito, eu tenho conceito firmado.

“Conceitos”, “conceitos bíblicos”, essas expressões tão caras ao radicalismo T de um Malafaia, são contestadas em sua própria existência por Lauand (2016, 90-91), Cristo nunca estabeleceu nenhum conceito:

Amthal (parábolas, metáforas, provérbios etc.) são realidades humanas universais, mas têm especial força na comunicação oriental: se – falando tipicamente – o pensamento grego e ocidental “tem sua praia” no *logos*, na argumentação lógica; o *mathal* – sempre falando em tipos – é “a cara” do Oriente. Cristo não está preocupado em elaborações conceituais nem empreende requintados debates lógicos: dEle, o evangelho diz - Mt 13, 34-35 – que só falava em *mathalim*, parábolas: “E sem parábolas nada lhes falava, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: ‘Abrirei a boca em parábolas; proclamarei coisas ocultas desde a fundação do mundo’”. E quando é perguntado pelo “próximo”, Cristo não procura estabelecer aristotelicamente uma conceituação teórica (“A diz-se próximo de B se, e somente se, tal e tal ...), mas simplesmente conta a parábola do bom samaritano...

Ainda nas disfunções de uma hipertrofia T ao conceber o cristianismo, diz Julián Marías (1998, p. 230-231):

A parálise que sobreveio à teologia católica desde o séc. XVII – o declínio de sua inspiração desde muito antes – é algo que por fim hoje se tornou muito evidente e se compreende que sua causa foi esse mesmo espírito inquisitorial, **a obsessão com o erro**, o quimérico empenho em fazer ciência sem se equivocar. O caminho já tinha sido preparado pela hipertrofia dogmática, pela consideração da religião como algo que se dirige primária e quase que exclusivamente à inteligência e que **se realiza em enunciados** – verdadeiros ou falsos. [...] A mentalidade jurídica, que tem dominado excessivamente a religião, tem deformado muitas coisas. A religião não é algo que se possa aplicar como um código [...] (grifos nossos)

Nesse contexto, a difícil missão da Educação é a de – entre um dos pais que “puxará” para seu lado T, enquanto o outro o fará para seu lado F; entre uma corrente

da Igreja e outra que se digladiam na mesma falsa dicotomia – criar um ambiente de liberdade que permita a cada um, como diz Marías, **viver** o cristianismo, proporcionando o estar à vontade, de quem está em casa “livremente, na confiada e segura instalação amorosa dos filhos da casa” (*ibidem*, p. 230).

Nisso, como em tudo, a dificuldade da Educação – e ao mesmo tempo sua grande missão – é a de abrir-nos horizontes, que nos façam ver o valor humano para além de nossas próprias idiossincrasias e reconhecer o enriquecimento que é propiciado pelos valores que radicam no Outro, sem o empequenecimento de “achar feio o que não é espelho”.

Ou como redondamente diz Morin:

Efetivamente, a complexidade não é somente o fato de que tudo está ligado, de que não se podem separar os diferentes aspectos de um mesmo fenômeno, de que, nós somos seres de desejo, seres econômicos, seres sociais, etc., de que tudo está ligado – aliás, a era planetária é aquela em que tudo está ligado – , mas é além do mais a idéia de que conceitos que se opõem não devem ser expulsos um pelo outro quando se chega a eles, por meios racionais. Isso faz parte da minha concepção da complexidade. Do universo e do homem” (MORIN, 2002, p. 58).

Referências

KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. **Por favor compréndeme**. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1990.

LAUAND, Jean **Revelando a linguagem**. São Paulo: Factash, 2016.

___ (org.) **Uma introdução à tipologia de David Keirse**. São Paulo: Factash, 2018.

MARÍAS, Julián. **Problemas del cristianismo**. Planeta-DeAgostini: Madrid, 1995.

MARÍAS, Julián. **Sobre el cristianismo**. Planeta: Madrid, 1998.

MORIN Edgar. **Ninguém sabe o dia que nascerá**. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

Mother Teresa of Calcuta **The joy in loving**. N. York: Viking/Penguin, 1997.

Recebido para publicação em 13-07-20; aceito em 11-09-20